

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

37

INSCRIÇÕES 165-170



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1991

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O *FICHEIRO EPIGRÁFICO* publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of *CONIMBRIGA* whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even be omitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do
CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga

ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra

Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja

Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos

Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José
d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto “VBI ERAT LVPA”
(2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.



Depósito Legal N° 191563/03

INSCRIÇÕES DO CERRO DA VILA,
QUARTEIRA, LOULÉ
(*Ossonoba — Conventus Pacensis*)

Nas escavações da *villa* romana do Cerro da Vila, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro, foram encontrados quatro fragmentos de textos epigráficos, em suportes de material diverso, de que se dá agora notícia.

Provenientes quase todos das antigas escavações de J. Farrajota, apenas um, o terceiro, foi encontrado, mais recentemente. Todo este material se guarda no depósito da estação arqueológica⁽¹⁾.

165 — Grafito sobre estuque (foto 165)

Fragmento de estuque pintado a vermelho, em duas faixas, contíguas, a superior mais escura e a outra mais clara. É proveniente das antigas escavações.

Dimensões: 11,5 × 7 × 2.

[...]NVSVIINTI[...]

A altura das letras varia entre os 0,5 (do segundo *V*) e os 2,5 cm (do *S*).

⁽¹⁾ Sobre a *villa* romana do Cerro da Vila, Vilamoura, cf.: A. DO PAÇO e J. FARRAJOTA, *Subsídios para uma carta arqueológica do concelho de Loulé*, X «Arqueologia e História», 8.^a série, XII, 1966, p. 65-92; M. LUÍSA E. V. AFFONSO DOS SANTOS, *Arqueologia Romana do Algarve*, I, Lisboa, 1971, p. 142-148; J. LUÍS DE MATOS, *Cerro da Vila. Escavações em 1971*, «O Arqueólogo Português», III sér., 5, 1971, p. 201-214; ID., *Cerro da Vila — Campanha de trabalhos de 1972*, «Ibid.» 6, 1972, p. 251-262; ID., *Torres funerárias do Cerro da Vila*, comunicação ao IV Congresso Nacional de Arqueologia, Faro, 1979 (no prelo); ID., *Cerro da Vila (Algarve)*, «Arqueologia» 10, 1984, p. 137-142.

A inscrição, esgrafitada, parece ser posterior à época do fragmento de estuque (datado, pelos responsáveis da escavação, do séc. I d. C.); contudo e dada a pequena extensão do texto, as características das letras não permitem uma datação posterior ao séc. II. É muito possível que tenhamos, como quinta letra, um *E* grafado *II*; a ser assim e admitindo tratar-se duma notação onomástica cognominal, teríamos aqui um nome de tipo *Ventianus*, *Ventidianus* ou, até, *Ventilator*; se tomarmos o *S* como início de palavra, leríamos [...] *nu sui in ti* (vel *te*) [...] ou [...] *nu sui inti* [...] ou, ainda, [...] *nu suenti* [...] vel [...] *nu Suent* [...]

166 — *Fragmento de ara* (foto 166)

Fragmento da parte superior esquerda de uma ara, de calcário, encimada por um pequeno plinto decorado e com vestígios de moldura, na ligação do corpo da ara com o plinto.

Dimensões: 18 × 20 × 8.

·?(H?)?QNI

Resta-nos apenas parte da primeira linha da inscrição, o que, desde já, dificulta a classificação da ara como votiva ou funerária; contudo, a ausência de vestígios de letras que apontem para a invocatória aos *Manes*, bem como o facto de certamente se tratar de um monumento posterior a finais do séc. II, facilita a hipótese da sua classificação no grupo das inscrições votivas.

A gravação é de perfil em v e as letras têm, na parte superior, terminações triangulares.

Do ponto de vista paleográfico nota-se uma tendência para o arqueamento das hastes verticais do *N*, e para o traçado alongado do *O*.

Apesar da exiguidade do texto, com base apenas nas características paleográficas do que resta das letras, é possível atribuir a esta inscrição uma datação a rondar os finais do séc. II ou mesmo os inícios do séc. III.

Fragmento superior esquerdo de uma pequena placa de mármore branco, marcada «F.4», proveniente de camadas de entulhamento e recuperada na campanha de 1972.

Dimensões: $7,4 \times 11,3 \times 2,3$.

[...]S THESEVS / [...] XXXXV /

Altura das letras: l. 1: 1,4; l. 2: 1,8.

São ainda claramente visíveis, sob as letras, traços de linhas de orientação de escrita. Na l. 1, existe um ponto em forma de vírgula, depois do primeiro *S*. As letras foram gravadas a buril, muito fino, tendo como orientação prévia um apontamento a ponteados; o exagerado alongamento da primeira haste do *H* parece ser um pequeno defeito de gravação que sugere o nexo *ih*, para uma leitura em *Tiheseus*, que é, de todo, improvável — a admitir um nexo, devíamos encontrar *hi*, e não aquele que coloca a ‘aspirada’ em situação cintervocálica, seja numa sequência morfemática de pelo menos três tempos vocálicos —; talvez seja de admitir uma influência «cursiva» no *H* (tipo *h*) que motivou o exagero da altura da sua haste inicial que ultrapassou em muito a pauta.

Como características paleográficas nota-se a subordinação a um módulo rectangular alongado, o que determina, no caso por exemplo dos *EE*, o encurtamento das barras medianas; e, ainda que, na l. 1, não se tenha procurado balancear o desenho das letras, na l. 2, são evidentes, no traçado dos *XX*, inegáveis tendências cursivas. A paleografia desta inscrição, comparada com a de *CIL* II 5497 (= *ILER* 5420), aponta para uma datação no séc. I, ou muito pouco depois (cf. J. MALLON, *Paléographie romaine*, Madrid, 1952, p. 58-59 e 178).

Embora o uso de *cognomina* gregos seja relativamente vulgar nas regiões costeiras do Mediterrâneo ocidental, *Theseus* não foi dos mais vulgarizados na Hispânia. Aqui os portadores do cognome *Theseus* são: na Bética, em *Italica*, *Cornel(ius) Theseus* (*CIL* II 5376) e, em Cádiz, *G. Iulius Alfius Theseus*, pai de uma flamínia (cf. J. GONZÁLEZ, *Inscripciones Romanas de Cádiz*, Cádiz 1982, p. 55-57); ainda na costa, agora no sul da Tarraconense, em *Tarraco* mesmo, *Cornelius Theseus* (*CIL* II 4339 = *RIT*, 928), *L. [Do mit(ius) Theseus* (*CIL* II 4359 = *RIT*, 459) e ainda um outro numa inscrição grega do séc. III (*RIT*, 684).

Se fizermos uma avaliação social sumária do uso deste cognome na Hispânia mediterrânica, somos levados a colocar os seus portadores, pelo menos, entre os frequentadores de círculos sociais próximos dos das *élites* locais, isto a julgar pelo seu aparecimento entre os *Cornelli* e os *Alfii*. Do ponto de vista cronológico, o uso deste cognome, muito antigo entre os falantes de língua grega, entrou em voga, em Roma, no Baixo Império (cf. H. SOLIN, *Die innere Chronologie des römischen Cognomens*, in: «L'Onomastique latine», Paris 1977, p. 136). Parece-nos também ser de admitir, com muitíssimas reservas, a hipótese desta pequena placa funerária referir um grego de origem (cf. H.-G. PFLAUM, *Sur les noms grecs portés par les romains et leurs esclaves*, «Revue des Études Latines», LI, 1974, p. 48-54).

Esta inscrição poderá ter pertencido talvez à torre funerária da *villa* (v. nota 1).

168 — *Marca cerâmica* (foto 168)

Também se encontraram, nesta estação arqueológica, vários fragmentos de material cerâmico de construção, com marca estampilhada. São *tegulae*, de pasta avermelhada com muito desengordurante e bem cozida.

L. S. P

Altura das letras: de 3,5 a 4 cm.

As estampilhagens denunciam uma matriz com letras de perfil em v invertido, que produziam letras muito parecidas com as das gravações em pedra, sendo de notar a qualidade das terminações do *L* e do *P*.

MARIA MANUELA ALVES DIAS

J. LUÍS DE MATOS



FOTO 165

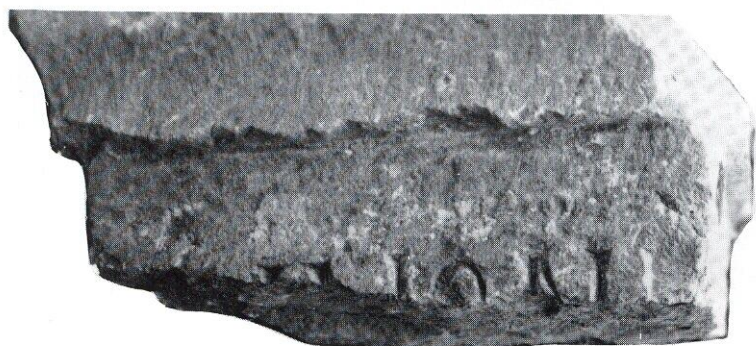


FOTO 166



FOTO 167



FOTO 168

INSCRIÇÃO FUNERÁRIA DE CASAIS DA CAPELA

(*Conventus Scallabitanus*)

FOTO 169

Em 1942, nos Casais da Capela (freguesia da Madalena, concelho de Tomar), foi encontrada uma lápide⁽¹⁾ associada a uma sepultura constituída por uma caixa rectangular de tijolo⁽²⁾, coberta por lajes de calcário e contendo ossos⁽³⁾. Encontra-se actualmente na Quinta de Beselga, da mesma freguesia.

Trata-se de uma estela de calcário, de frontão semicircular e campo epigráfico rebaixado e toscamente moldurado. Na parte superior, está representada uma circunferência, de cujo bordo inferior partiria uma haste que tocava o campo epigráfico⁽⁴⁾. A lápide foi

(¹) O monumento foi dado a conhecer pela primeira vez por M. J. Mêndia de Castro no trabalho intitulado *Subsídios para a Carta Arqueológica do Concelho de Tomar*, pp. 207-209, que constitui a sua dissertação de licenciatura em História, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1973, que nunca chegou a ser publicada.

(²) Num dos *laterculi* está representado o jogo do moinho, segundo informação da Dr.^a Salette da Ponte.

(³) Já desaparecidos.

(⁴) Não foi possível identificar o motivo decorativo do frontão. Note-se, porém, que é o único monumento epigráfico romano achado até ao momento no território do concelho de Tomar que apresenta decoração. Talvez seja simplesmente um círculo ornamental, como o que surge numa estela funerária de Rudiae, referida por G. SUSINI, *The Roman Stonecutter — An Introduction to Latin Epigraphy*, Oxford, 1973, fig. VI. G. Susini indica essa estela, ao falar da preparação do campo epigráfico, como exemplo em que surgem golpes verticais traçados para subdividir a face do campo epigráfico em quadrados, fixando também o lugar para o ponto dos compassos usados para traçar um círculo ornamental (p. 38, nota 110).

bastante deteriorada pela acção das intempéries, pelo que dificilmente se distinguem as letras da inscrição ⁽⁵⁾.

Dimensões: 75 × 30 × 17.

Campo epigráfico: 45 × 25

N(umerio?) CLITO/ ΣΙΑΠΙ / ΙΑ [.]Ρ [.]Ο[.]ΣΣΑ [.] / ⁵ Ι.

S(it) T(ibi) T(erra) L(evis)

A N(umério?) Clito [...] . Que a terra te seja leve.

Altura das letras: ? Espaços: ?

O texto parece estar ordenado segundo um eixo de simetria, quase conseguindo um alinhamento à esquerda e à direita. Caracteres irregularmente gravados e assimétricos (à excepção do O da l. 1).

Na l. 1, distingue-se bem um N ligeiramente inclinado para a direita, possivelmente como sigla de um gentílico. Em seguida, está também bem patente um C, acompanhado do que deve ser um L, cuja parte inferior quase não é visível. Depois, julgamos ver um I, que quase desapareceu da pedra, e um T, cuja haste superior já não existe, notando-se apenas o que poderia ser o seu arranque, no lado esquerdo. Ainda na mesma linha, podemos observar um O, perfeitamente delineado, completando-se assim o que julgamos ser o «cognomen» do defunto. Quanto ao resto do texto, a sua leitura é de tal modo duvidosa que não intentamos a sua reconstituição, a não ser na última linha, onde pensamos reconhecer a fórmula STTL.

Aceitando a leitura proposta, teríamos um gentílico latino abreviado (cuja reconstituição é puramente hipotética) e um «cognomen» de origem grega ⁽⁶⁾. Este está atestado em duas formas no CIL: *Clito* (κλειτων), em CIL III 4552, como nome de um escravo; e *Clitus* (κλειτος), como «cognomen», em CIL VI 739, por exemplo ⁽⁷⁾. Inclina-mo-nos para a presença da forma *Clitus*, no dativo, pois, além de ser a mais frequente no mundo romano, está já documentada na

⁽⁵⁾ A leitura aqui apresentada baseia-se numa foto realizada nos princípios dos anos 70, facultada pela Dr.^a Mândia de Castro, cuja gentileza agradecemos.

⁽⁶⁾ Cf. *Onomasticon*, pp. 398-399.

⁽⁷⁾ Outros exemplos: CIL V 7510 e 8115⁵; CIL X 8056¹³. Segundo o «*Onomasticon*», foi também nome de um *amicus carissimus et dux* de Alexandre Magno.

Península Ibérica, ainda que residualmente, no masculino⁽⁸⁾ e no feminino⁽⁹⁾.

O nome grego, assim como o contexto dos outros textos em que surge, aponta para um indivíduo de estrato servil; em Roma surge várias vezes, designando libertos ou escravos⁽¹⁰⁾, tal como em S.^{ta} Maria da Ribeira (ILER 703)⁽¹¹⁾.

Quanto à datação, pela simplicidade do texto, pensamos poder atribuí-lo ao séc. I d. C.

LUÍS DA SILVA FERNANDES

(8) EE VIII 111^A = ILER 703, de S.^{ta} Maria da Ribeira (Seixo de Ansiães, Carrazeda de Ansiães — vide FE 63 n. 3). É uma ara votiva, dedicada à *Tutela Tiriensis* por três libertos da gens Pompeia: *Corinthus*, *Clitus* e *Calvinus*. Foi analisada por José d'Encarnação (*Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, 1975, pp. 294-296, e na «Revista de Guimarães» LXXX 1970 214) e por A. Lozano Velilla (*Los antropónimos griegos y su presencia en los cultos indígenas peninsulares*, «Studia Historica» VI 1988 101, 103 e 105).

(9) A forma feminina (*Clita*) surge numa placa funerária de Cádiz (cf. M. J. JIMÉNEZ DE CISNEROS, *Inscripciones funerarias gaditanas ineditas*, «Emerita» 30 1962 302-304) — tal como em CIL VIII (21 086 e em EE VII 507. A mitologia refere Clita como uma das Amazonas (cf. *Onomasticon*, p. 399).

(10) Cf. LOZANO VELILLA, *op. cit.*, p. 105, nota 29, citando H. SOLIN, *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch* I, p. 215.

(11) Veja-se a nota 8. Repare-se na associação com *Corinthus*, outro *cognomen* grego ligado a libertos (cf. Julio MANGAS, *Esclavos y Libertos en la España Romana*, Salamanca, 1971, pp. 396-397).



FOTO 169

EPITÁFIO ROMANO ACHADO EM TORNADA (CALDAS DA RAINHA)

(*Conventus Scallabitanus*)

FOTO 170

Placa funerária moldurada, de calcário da região, retirada de uma sepultura destruída durante desaterros efectuados em Reguengo de Parada, freguesia de Tornada, concelho de Caldas da Rainha⁽¹⁾. A zona situar-se-ia, decerto, no território da romana Eburobritium⁽²⁾.

Destinada a ser embutida num monumento funerário, a placa — em perfeito estado de conservação — apresenta-se inusitadamente abaulada na sua face anterior e alisada na retaguarda e nos topos superior e inferior. O campo epigráfico, obtido por rebaixamento (cerca de 1 cm), está limitado por moldura do tipo gola directa rodeada por ranhura.

Dimensões: $60 \times 54,7 \times 12$ (20 na zona central).

Campo epigráfico: $39,5 \times 34,5$.

D(is) M(anibus) / TERENTIAE / LAVRI FILIAE / AN-
N(orum) XXXI (unius et triginta) / ⁵ IVNIA MATER / F(iliae) .
P(ientissimae) . P(onendum) C(uravit)

Aos deuses Manes. A Terência, filha de Lauro, de trinta e um anos. Júnia, a mãe, mandou fazer à filha modelo de piedade.

(¹) A inscrição foi dada a conhecer, em Outubro de 1990, por Umbelina Barros, aluna da Escola Secundária de Caldas da Rainha, ao seu professor de História, Dr. João Nicolau Borges, correspondendo a um apelo à participação na divulgação e inventariação do património local que o docente havia lançado no início do ano lectivo.

O achamento da peça deve-se a um acaso. Quando o Sr. Armindo Barros procedia a um desaterro, a máquina levantou algumas pedras que verificou pertencerem a uma ou mais sepulturas. Aliás, é sua opinião que há, de facto, mais sepulturas no local, algumas das quais sob a casa que aí se construiu, assim como outras pedras que lhe parecem ter letras, embora muito gastas. Recolheu, posteriormente, a epígrafe em sua casa, em Águas da Rainha, onde o Dr. Nicolau a fotografou e nós a observámos a 4 de Maio de 1991.

Agradecemos ao Dr. Nicolau Borges as informações que teve a amabilidade de nos fornecer e ao Sr. Armindo Barros as facilidades concedidas para o estudo do monumento.

(²) Cf. Jorge de ALARCÃO, *O Domínio Romano em Portugal*. Mem Martins, 1988, p. 47.

Altura das letras: l. 1: 3,8; l. 2: 3,6/3,8; l. 3: 3,8; l. 4 e 5: 3,7/3,8; l. 6: 3,5/3,7. Espaços: l. 3,8/3,4; 2: 1,7; 3: 1,6/1,7; 4: 1,6; 5 e 6: 1,2/1,5; 7: 5,5/5,8.

Paginação cuidada, com alinhamento à esquerda e tendência para eixo de simetria na 1.^a e na última linhas. Linhas auxiliares perceptíveis em todas as linhas, excepto na última. O texto ocupa todo o campo epigráfico, sintoma claro de que a placa estaria colocada à altura dos olhos.

Caracteres actuários, bem gravados, regulares, de barras horizontais vincadas, embora curtas, a contrariar assim a verticalidade sugerida pela convexidade superficial. De resto, a própria junção das hastes nos vértices se faz por meio duma pequena barra, bem patente, por exemplo, nos NN da l. 4. Anotem-se ainda: o R e o P abertos; a simetria do V, do N e do X.

As personagens aqui identificadas integram-se — onomasticamente falando — no que se tem designado como uma segunda fase da aculturação linguística. Todos os nomes são latinos, mas a filiação é, ainda, indicada à maneira indígena através do cognome paterno. Neste caso, não nos repugnaria deduzir daqui o casamento duma descendente de colonos (*Iunia*) com um indígena romanizado (*Laurus*)⁽³⁾. Desta sorte, o epitáfio vem confirmar o que se conhece acerca da ocupação romana da região: uma predominância do elemento itálico sobre o indígena. A análise da distribuição geográfica da presença na Lusitânia do antropónimo *Terentius*⁽⁴⁾ permite-nos

(³) *Iunius* é *nomen* de rara ocorrência nesta zona ocidental da Lusitânia. Em Olisipo, por exemplo, são apenas dois os testemunhos: CIL II 229 = ILER 5208 e ILER 745.

Raro é também o cognome *Laurus*: Kajanto (*The Latin Cognomina*, Helsínquia, 1965, 334) cita somente trinta exemplos no conjunto do CIL e atribui-lhe (*ibidem*, 89) uma conotação de vitória. A nível peninsular, pelo que podemos verificar compulsando também outros *corpora*, confirma-se que poucos testemunhos haverá para além dos três referidos por J. Vives: M. Arrius Laurus, em Mérida (ILER 179 = CIL II 5261); o pai do taporo Fronto memorado num epitáfio do Museu Regional da Guarda (n.º 687) procedente de Mileu (ILER 4577); e — o que mais nos interessa dada a proximidade — G. Servilius Laurus, de Alfeizerão (ILER 5111 = CIL II 359).

Curiosamente, também em Alfeizerão (ILER 4270 = CIL II 360) se registam duas Terências, mãe e filha, com ligações, pela onomástica, ao estrato indígena pois que uma é Camira de cognome e, da outra, o pai é um Docquirus.

(⁴) Embora ocupe — segundo os cálculos de R. C. Knapp (*The origins of provincial prosography in the West*, «Ancient Society» 9 1978 221) — o 18.º lugar entre

concluir, por outro lado, que os membros da *gens Terentia* lograram, mediante cuidadosa política de alianças, obter aqui, nesta faixa litoral, uma destacada posição política, económica e social, logo nos primórdios do Império.

A menção da idade terminada em I, como que para disfarçar um possível arredondamento, leva-nos a aproximar o texto dos epítáfios africanos em que Kajanto identificou essa tendência⁽⁶⁾. A possibilidade de uma ligação com o Norte de África não é, por essa via, despendida.

Pela tipologia; pelo modo como é usada a onomástica; pela ausência de *sacrum* na fórmula inicial; pela simplicidade do texto; e pela paleografia — é monumento datável da primeira metade do século I da nossa era.

MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

os *nomina* mais referidos no conjunto do CIL II (89 testemunhos, 1,31 %), na Lusitânia *Terentius* encontra-se sensivelmente em 12.º lugar (12 testemunhos, 1,71 %). Convirá confrontar estes dados com as ocorrências referidas em ILER, pp. 754-755. É de salientar, no entanto, que este gentílico não se documenta em Collipo nem em Conimbriga nem na Igaeditania. No *conventus Pacensis*, são apenas três os casos confirmados (IRCP 334, 405 e 515).

E constitui, sem dúvida, esta faixa litoral da Lusitânia a zona onde mais exemplos se terão assinalado. Já vimos o de Alfeizerão. Descendo para Sul, teremos *Terentius Primitivus*, filho também de uma Iunia, em Cadafais, Alenquer (ILER 4239 = CIL II 319), epígrafe que se guarda no Museu de Alenquer. Há um pequeno núcleo na região de Sintra: o cidadão M. *Terentius Priscus*, em Odrinhas (ILER 5167 = CIL II 5023); *Terentia Maxuma*, em Colares (ILER 4286 = CIL II 318); C. *Terentius Maximus Terentianus* e seu filho C. *Terentius Rufus*, cidadão inscrito na tribo Galéria de Olisipo, em Morelino (ILER 4181 = CIL II 320).

Será, portanto, na cidade de Lisboa que os testemunhos assumirão certo peso: o jazigo dos M. *Terentii* (ILER 3693 = CIL II 275), um deles cidadão romano; ILER 6503 = CIL II 247 regista um C. *Terentius*; em ILER 1660 = CIL II 195, há a referência a um *Terentianus* relacionável com a família duma flamínia provincial; finalmente, dois L. *Terentii*, pai e filho, são dedicantes dum epítáfio (ILER 4457 = CIL II 5227).

Se considerarmos os doze testemunhos assinalados por Knapp, verificamos que acabámos de citar, para esta faixa costeira de Lisboa a Alfeizerão, precisamente doze pessoas com este gentílico (sem já contarmos o *Terentianus*).

(⁶) Cf. José d'ENCARNAÇÃO, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, 780-781, citando I. KAJANTO, *On the problem of the average duration of life in the Roman Empire*, Helsínquia, 1968, 18.



FOTO 170